

# Furto, Cobiça e Propriedade Privada

por R. Scott Clark


Tradução: Nathan Cazé<sup>1</sup>

Título original: *Theft, Envy and Private Property*

Fonte: <https://heidelblog.net/2017/12/theft-envy-and-private-property/>

Data da publicação original: 21 de dezembro de 2017

---



O condado de San Diego tem lugares de beleza evidente. O monte Palomar é grande e também o são as praias e, é claro, o oceano pacífico. O meu cantinho do condado de San Diego (condado do norte) tem áreas de beleza tranquila. Em uma das estradas secundária entre Escondido e Ramona há um pasto e até mesmo algumas cabeças de gados e alguns cavalos. É um lugar favorito para visitar. Os gados não se incomodam e os cavalos vêm e vão como querem. No entanto, existem limites para onde alguém pode vaguear. Estes estão marcados com sinais. Alguém pode ficar intimidado; tenho visto isso. Mais de uma vez passeios por uma pista tranquila chegaram ao fim por meio de uma sinalização, por causa afirmação de propriedade privada. De onde venho, as estradas rurais e rodovias estaduais vão mais longe do que eu possa ir. Cercas e sinalizações são muito comuns nesse lugar. Até mesmo nas áreas rurais da Califórnia as cercas e sinalizações aparecem com mais frequência do que alguém possa gostar. Mesmo assim, sou proprietário e creio no direito natural à propriedade privada; então de onde vem a irritação? Por que não me regozijo quando eu vejo alguém reivindicar sua liberdade de usar seus bens como quiser? Porque eu estou afetado pela queda. Porque, por natureza, eu sou propício a violar o 8º e 10º mandamentos e você também, caro leitor.

O oitavo mandamento, como numerado por parte dos reformados, diz: “Não furtarás” (Ex. 19:11; 20:15; Lev.; Deut. 5:19; Mat. 19:18; Rom. 13:9). O décimo mandamento diz: “Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo” (Ex. 20:17; Deut. 5:21; 7:25; Rom. 7:7; 13:9). Ultimamente, tenho meditado a respeito de algumas suposições por traz da linguagem bíblica sobre **propriedade** e me parece que sem a suposição de propriedade privada, esses dois mandamentos não fazem sentido. Uma das suposições subjacentes ao oitavo mandamento é que existem coisas que

---

<sup>1</sup> E-mail do tradutor para contato: nhac27@hotmail.com. Traduzido e publicado em fevereiro de 2018. Esta tradução está oficialmente disponível no blog [monoergon.wordpress.com](http://monoergon.wordpress.com)

não são minhas. Essas coisas pertencem a outros. Se eu tomá-las sem permissão ou sem comprá-las (ao trocar dinheiro, bens, ou serviços por elas), então eu sou um ladrão. Em outras palavras, a menos que exista tal coisa como propriedade privada, o furto é impossível. O furto existe, *ergo* a propriedade privada existe. Se tudo pertence a todos, então o furto é impossível. Como pode alguém roubar o que já lhe pertence? O mesmo raciocínio aplica-se ao 10º mandamento. Alguém não pode cobiçar o que não lhe pertence. Este alguém cobiça o que pertence a outros. Este está insatisfeito com o que o Senhor lhe proveu e quer o que o Senhor proveu para outra pessoa. Aqui não estamos falando sobre a compra de um bem ou serviço (embora podemos ser culpados de cobiçar naquele momento também), mas estamos pensando sobre desejos ímpios para os bens dos outros. A propriedade privada é pressuposta em ambos os mandamentos.

Existem tradições cristãs, entretanto, que se opõem à propriedade privada e parece haver um bom número de evangélicos recém-modernos<sup>2</sup> que desconfiam da propriedade privada. De onde vem essa suspeita? O filósofo iluminista francês Jean Jacques Rousseau (1712-78) odiava a ideia de propriedade privada. Ele argumentou que, num estado de natureza, não existia cercas. Num estado de natureza, tudo pertencia a todos. *Ergo*, ao passo que buscamos a voltar ao estado de natureza, as cercas (propriedade privada) deveriam ser abolidas. Isso, é claro, não era nada senão auto justificação para sua autoindulgência narcisista. Rousseau foi o primeiro hippie e, assim como os hippies da década de 1960, ele fez uma bagunça de sua vida e abandonou os seus filhos aos cuidados do povo de Genebra. Admitindo a sua asseveração duvidosa e especulativa (de que o estado de natureza era um paraíso do trabalhador), o que Rousseau negligenciou a mencionar, em sua apropriação (cultural) da doutrina reformada do pacto de obras, era que nós ora não vivemos “no estado de natureza” após a queda. A queda trouxe consigo corrupção e morte. Não haverá restauração do “estado de natureza” nesta vida até os novos céus e a nova terra.

Ainda assim, a ética de cobiça (ressentimento) de Rousseau tivera um efeito poderoso no mundo moderno. Isso impulsionou não apenas a Revolução Francesa, mas também as revoluções comunistas na Rússia, China e noutros lugares. Apenas no século XX, a inveja de classe resultou no massacre de milhões de pessoas. Hoje em dia, as crianças de escolas americanas são catequizadas em inveja de classe em seus livros escolares e poucos pais parecem dar importância. Os cristãos são influenciados pelo *ethos* da Revolução Francesa. Eu o fui. Na universidade eu fui ensinado por parte de alguns de meus professores que alguma versão do socialismo era o arranjo social mais justo. Com o passar do tempo, entretanto, aprendi que o que eu havia sido ensinado não era verdade e que meus professores realmente não acreditavam no que eles estavam me dizendo. Afinal, eles fizeram um acordo voluntário com a universidade para trocarem suas habilidades e trabalho por um salário justo do mercado. Eles não formaram nenhuma comuna. Eles foram para seus lares que eram casas decentes em bairros de classe média ou até mesmo classe alta, em carros privados. Eles conversavam sobre um paraíso dos trabalhadores, mas não moravam num desses. Eles moravam numa cidade universitária bonita a qual foi em grande

---

<sup>2</sup> Nota do tradutor: em inglês: “Late-modern”.

parte criada por capitalistas empresariais, os quais pagavam impostos para pavimentar as estradas e construir pontes em cima das quais dirigiam os socialistas da cidade. O socialismo é inveja institucionalizada.

Até mesmo antes da universidade, eu tinha ouvido os adultos resmungarem sobre como “aqueles empresários” adquiriram suas riquezas de forma injusta ao “roubá-las” dos outros. Aqueles resmungões nunca explicaram como esse processo funcionava. Não me lembro de um proprietário de uma loja apontando para mim uma arma de fogo e exigindo o meu dinheiro. Não me lembro de ninguém me forçar a entrar na sua empresa. O proprietário da mercearia cobrou preços exorbitantes? Se sim, por que não fomos para outro merceiro? Haviam muitos no bairro. Na verdade, essas afirmações sobre “aqueles empresários nojentos” não conseguiriam resistir ao escrutínio. Aquelas reclamações não eram nada senão inveja disfarçada de indignação justa. Sabemos que é a inveja e não a verdade quando vemos empresários, os quais evidentemente acreditam em cobrar um preço justo de mercado por seus bens e serviços, reclamarem a respeito de negócios “maus”. É mesmo? É justo para você cobrar um preço justo de mercado (o que o mercado produzirá) pelos seus bens e serviços, mas o outro empresário é “mau” por fazer o mesmo? Como que isso não é inveja justa?

Qualquer pessoa não velha o suficiente para lembrar de como as comunas dos hippies realmente funcionavam, precisa apenas assistir *Forrest Gump* para um breve tutorial. Nenhuma das formas do socialismo (a propriedade pública dos meios de produção, a comunidade forçada-pelo-Estado de propriedade) com as quais estou familiarizado jamais produziram algo como o estado de natureza de Rousseau. Elas têm produzido miséria e morte, pois muitos fugiram e muitos mais ainda morreram tentando. Meus leitores da geração Y são muito jovens para lembrar da queda do Muro de Berlim, mas aquele muro existia, literalmente, para impedir as pessoas de fugirem do “paraíso socialista” da União Soviética. O socialismo era tão maravilhoso que aqueles que tentavam ir embora eram baleados nas costas por parte dos soldados nas torres. O socialismo era tão glorioso que quando a União Soviética entrou em colapso, aqueles que viviam por trás do que o Churchill chamava de “a Cortina de Ferro” dançaram na rua e em cima do muro até mesmo enquanto se desmoronava. O filme *Moscow on the Hudson*, de 1984, de Robin Williams, captura algumas das realidades do socialismo na prática. Um dos livros que mais me convenceu de meu coração invejoso era o *Idols for Destruction* de Herbert Schlossberg. A 2ª edição (1993) contém um prefácio de Robert Bork.

O evangelho é boas novas para os ladrões e para os cobiçadores. Cristo obedeceu e morreu em nosso lugar. Ele foi ressuscitado dentre os mortos, está assentado a destra do Pai, e ele voltará para endireitar tudo e para julgar os vivos e os mortos. Todos os que confiam nele serão salvos. Todos os salvos buscam obedecer sua lei moral, entre as quais estão o oitavo e décimo mandamentos.

Sobre o autor:<sup>3</sup>

O Dr. Clark formou-se na Universidade de Nebraska (BA), Seminário Teológico Califórnia (MDiv), e St. Anne's College, Universidade de Oxford (DPhil). Ele foi um ministro na Igreja Reformada nos Estados Unidos [Reformed Church in the United States] (1988-1998) e tem sido um ministro nas Igrejas Reformadas Unidas na América do Norte [United Reformed Churches in North America] desde 1998.

Ele tem ensinado história da igreja e teologia histórica desde 1995 na Wheaton College, Seminário Teológico Reformado, em Jackson [no estado de Mississippi], Universidade de Concordia, em Irvine [na Califórnia], e Seminário Westminster Califórnia.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://heidelblog.net/bio/>>.